

A técnica enquanto argumento.

Os objetos técnicos, (aparelhos e máquinas, gadgets e instrumentos), representam parte considerável do nosso ambiente cotidiano, de modo que tomamos consciência da sua presença quando deixam de funcionar convenientemente. Mas basta esforço relativamente pequeno para levantar a capa do habitual que os encobre e banaliza, para verificarmos o quanto é milagroso o mundo que habitamos. Apertamos um botão, e a luz se acende, é outro, e a máquina para moer café se põe em funcionamento. O "milagre da técnica" é o pão cotidiano nosso, sem o qual pereceríamos.

É um milagre que têm vários aspectos curiosos. Técnicos o admiram mais que leigos, cientistas mais que técnicos, filósofos mais que cientistas. Quem passa por ponte de autoestrada nem pensa em dever admirar-se de algo. O construtor que a calculou soltou suspiro de alívio quando verificou que se comporta conforme calculado. E o filósofo que contempla tal verificação é incapaz de digerir o milagre que os algarismos postos pelo construtor sobre papel são traduzíveis em cimento armado e lá se comportam como se nunca tivessem sido algarismos.

O leigo admira aspectos não admirados pelo técnico, (por exemplo a rapidez do telégrafo), e o técnico aspectos não admirados pelo leigo, (por exemplo a crescente eficiência de motores de explosão). O filósofo admira aspectos não admirados pelo técnico, (por exemplo a simulação de decisões em computadores), e o técnico aspectos não admirados pelo filósofo, (por exemplo a possibilidade de certos materiais para fins determinados). O milagre da técnica não é um: são vários, e o são em função de quem os admira, e um milagre pode eliminar outro. Uns se admiram perante a máquina de café, outros não, e mais outros se admiram perante a falta de admiração dos primeiros.

Mas não são estes os aspectos do milagre aqui pretendidos. Mas a curiosa deslocação da admiração ocorrida recentemente. Originalmente o admirável era a ciência: era tida método de alcançar conhecimento verdadeiro quanto à natureza. A técnica não passava de aplicação de tal conhecimento, e prova da sua veracidade. Era milagrosa em segundo grau. Atualmente o admirável é precisamente a técnica: funciona embora os enunciados da ciência que lhe servem de base não possam ser tidos por "verdadeiros" no sentido originalmente pretendido. A técnica se tornou milagre de primeiro grau, porque ao funcionar dá significado aos enunciados científicos que "aplica". E com isto está se tornando "mágica" no sentido exato do termo: originalmente a técnica era a prova da verdade dos enunciados científicos, e atualmente os enunciados científicos tendem a ser formulas que explicam, (2provam"), o funcionamento dos gadgets.

A inversão da relação "ciência/técnica" que está em jôgo não é sempre conscientizada, porque a dialéctica "saber/poder" é de difícil

penetração. Originalmente a ciência era disciplina que visava o saber, e nisto se distinguia da magia, (astrologia, alquimia etc), as quais visavam o poder. Os astrónomos renascentistas não visavam, como os astrólogos, influir no destino dos homens, mas "descrever corretamente" os fenómenos celestes. Que tais descrições tenham resultado em viagens marítimas e espaciais muito mais modificadoras dos destinos que não importa que astrologia era consequência não pretendida da "verdade" dos enunciados da astronomia. Pretender que os mecânicos do barroco visavam construir máquinas para a burguesia nascente seria falsificar os fatos: visavam "descrever corretamente" fenómenos do tipo "queda livre", e que isto resultou em máquinas que acabaram produzindo muito mais ouro que não importa que alquimia era consequência não pretendida da "verdade" dos enunciados da mecânica, (embora consequência desejada e financiada pela burguesia). Originalmente, pois, a ciência se pretendia "pura". Mas confusamente. Muitos dos astrónomos renascentistas eram também astrólogos, e muitos mecânicos barrocos eram também feiticeiros. Não obstante: para saber, fazia-se ciência, e para fazer, feitiço.

Atualmente o oposto tende a ser o caso: não se espera mais que a ciência leve ao "saber" no sentido originalmente visado. Aliás, como supôr que os enunciados da ciência, estruturados matematicamente e logicamente, (portanto em códigos altamente "artificiais"), possam articular algo que não seja proveniente dessa própria estrutura, ("a priori" kantiano)? Como esperar que a ciência possa "descobrir" no fundo da natureza algo que não tenha sido posto lá previamente pela ciência ela própria? Em compensação espera-se da ciência que leve ao "poder", isto é à técnica que determina o destino da humanidade. Em suma: embora não se possa mais crer que os algoritmos do construtor "signifiquem a coisa", espera-se que a ponte se sustente. Simultaneamente, (e curiosamente), há os que começam a suspeitar que há um "saber" escondido na magia, na alquimia, na kabbala, um "saber" a ser desenterrado, embora ninguém mais espere que tais disciplinas "funcionem". Em suma: atualmente, para fazer, faz-se ciência, e para saber, cogita-se inclusive da análise da magia.

Isto poderia levar a crer que a fé na ciência pura se perdeu no curso dos séculos, mas que a fé no milagre da técnica se fortaleceu. De modo que os atualmente engajados em ciência devem recorrer à técnica como ao argumento máximo em prol da sua contínua validade, (um argumento "pragmático" num significado mágico do termo). Mas isto não seria descrição correta da situação na qual estamos. A perda da fé em ciência pura por parte de uma elite filosofante, (fenomenólogos, estruturalistas, analistas lógicos etc.), e por parte de certos cientistas, (principalmente físicos nucleares e linguistas), é compensada pela fé no cientifismo que caracteriza as massas, e pela contínua fé na ciência pelos marxistas or-

todoxos. (Não importa que o cientifismo seja anti-científico, nem que o termo "ciência" não signifique para marxistas o que significa para filósofos e cientistas do final do século 20).

Por outro lado, quanto à fé no milagre da técnica, é verdade que todos crêm que os limites do possível tecnicamente ainda se encontram no além do horizonte, (se é que tais limites são admitidos). Mas tal crença nas possibilidades praticamente ilimitadas da técnica é mitigada pela dúvida que se espalha quanto à capacidade da técnica de resolver problemas, inclusive os problemas por ela própria criados. E há os que acreditam que todo futuro progresso da técnica a vai tornando sempre menos interessante, (a "lei das vantagens decrescentes" - law of diminishing returns), e que o ponto máximo da evolução técnica foi superado há alguns decênios sem que a humanidade se tivesse dado conta disto.

O paradoxo da nossa situação é pois este: vivemos em ambiente dominado por produtos técnicos, morreríamos se deixassem de funcionar, não acreditamos que isto seja um "bem", estamos acostumados ao funcionamento e portanto não o admiramos, mas quando meditamos a respeito ficamos espantados, porque não podemos mais crêr que o funcionamento se deve à "sabedoria" da ciência pura. Pois tal descrição da nossa situação pode ser reformulada da seguinte maneira: vivemos em mundo grandemente produzido por um tipo específico de magia, chamado "técnica", e estamos em vias de perder a fé em tal magia, tanto com respeito a mito específico que a sustenta, chamado "ciência pura", quanto com respeito ao ritual específico ao qual recorre, chamado "manipulação tecnológica do mundo".

Tal formulação da nossa situação não leva, por certo, a uma "superação da nossa crise". Continua aberta a questão teórica, "como pode funcionar a técnica, embora a ciência não possa captar a coisa?", e continua aberta a questão prática, "que fazer senão mais técnica para resolver os problemas que a técnica colocou em nossa frente?". Mas embora a formulação não resolva tais perguntas, ajuda a colocá-las em contexto mais amplo. A saber no contexto da "fé perdida".

E possível dizer-se que o mundo técnico que nos cerca é produto de magia específica, comparável à magia produtora dos mundos que cercam o índio Kra e ou o wambutu. Que se trata de três fés comparáveis que sustentam três mundos comparáveis. O que caracterisaria a nossa fé em comparação com as duas outras seria a sua "linearidade": crêmos que o mundo flui do passado rumo ao futuro, portanto que "ser" é "vir-a-ser", e que viver é progredir rumo à morte. Tal estrutura linear da nossa fé assumiu vários conteúdos: judaísmo, cristianismo, humanismo, marxismo etc. Mas o derradeiro conteúdo de tal estrutura é o discurso da ciência pura, porque nele a estrutura se articula inteiramente enquanto cálculo claro e distinto. O universo que o discurso científico projeta tem a estrutura da

-4- 4

nossa fé: é matematicamente e logicamente estruturado. E em tal universo, (e em nenhum outro), que a técnica funciona. E a fé que projetou tal universo se esgota nesse seu projeto, porque se "recolhe sobre si mesma" "se retoma em si", ("sich zuruecknimmt"), sob forma de funcionamento.

Pois a dificuldade de tal "visão em contexto" é precisamente que obriga a comparações: se digo que a ciência pura é uma espécie de mito comparável aos mitos Kra ou Wambutu, ou que a técnica ocidental é uma espécie de rito comparável aos ritos da chuva ou da fertilidade, não estou "acima" das entidades comparadas, suspenso no ar, "transcendente". Pelo contrário: estou operando com categorias ocidentais, e portanto anexando "imperialisticamente" Kra e Wambuto ao ocidente, do qual sou incapaz de escapar, embora tenha perdido a fé nele. O Ocidente nos prende, a todos os seus participantes, como gaiola, e a fé nos engloba mesmo depois de esvaziada. O que não passa de reformulação da "descoberta" wittgensteiriana.

No entanto: o exercício da comparação não resulta fútil. Porque permite relativizar o até agora tido por absoluto. Não mais: "a ciência é produtora do saber", mas: "produtora de um saber mais válido que o dos mitos Kra e Wambutu". E não mais: "a técnica é manipulação adequada ao mundo", mas: "mais adequada ao mundo que é o rito da chuva". Tal relação, se efetivamente alcançada, será passo importante em direção da superação da crise. Porque o melhor é o inimigo do bom, e se a ciência for admitida a melhor das magias, e a técnica o melhor dos ritos, teremos aberto horizontes no além da fé presentemente esvaziada. A técnica deixará de ser o argumento reacionário em prol da manutenção das estruturas vigentes que é atualmente, e vistas novas se abrirão, por certo terríveis e "terroristas", (porque não mais enquadráveis), mas não obstantelibertadoras. Em suma: o milagre da técnica obstroi atualmente a visão do "novo", porque é utilizado como argumento, aparentemente progressista, mas efetivamente reacionário, em prol da continuação do progresso na direção da realização de um projeto esvaziado.